

21 abril 18h00
auditório TAGV
duração aprox. 30min
M12

DIREÇÃO ARTÍSTICA:
Júlia Vilhena

COREOGRAFIA E PERFORMANCE:
Bárbara Faustino

TEXTOS:
Aida Gomes, Bárbara Faustino,
Júlia Vilhena, Lidiane
Andrade

COMPOSIÇÃO MUSICAL
André David

DIREÇÃO E REALIZAÇÃO DO VÍDEO
Júlia Vilhena

DESENHO SONORO E MIXAGEM DO
VÍDEO:
André David

APOIO:
LIPA/TAGV

Terra Longe Júlia Vilhena

LIPA — Laboratório de Investigação e Práticas Artísticas / Abril Dança Coimbra

*O real não está na saída nem na chegada:
ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.*
— João Guimarães Rosa, Grande Sertão: Veredas, 1956

Terra Longe (2025) foi um dos trabalhos de criação desenvolvidos durante minha investigação de doutoramento em Estudos Artísticos (UC) acerca das narrativas de deslocamento no cinema contemporâneo. Em sua vertente prática, busquei expandir e aprofundar reflexões sobre migração, identidade e memória a partir de uma abordagem centrada nas experiências de mulheres migrantes. O trabalho resultou na criação de um filme-carta e posteriormente tomou forma como videoperformance.

O filme é protagonizado por três mulheres migrantes, as quais cruzaram o meu caminho nesta margem: Bárbara, natural de São Paulo, Brasil; Aida Gomes, natural de Huambo, Angola; e Lidiane, natural de Minas Gerais, Brasil.

A proposta surgiu do desejo de ouvir suas histórias de travessia, com ênfase nos desejos e nas dimensões afetivas que impulsionam seus deslocamentos, bem como em suas implicações subjetivas e identitárias. Imagens e conceitos como a margem, o interstício, o oceano Atlântico, a memória e a opacidade nortearam a proposta estética da obra.

Terra Longe dá continuidade ao processo de criação partilhada e intersubjetiva, experimentado na criação de *Neya* (2024), curta-metragem que também foi desenvolvido no âmbito do doutoramento. As vozes, histórias e experiências das personagens foram vetores fundamentais para a criação.

O ponto de partida foram perguntas que fiz a elas sobre suas experiências de migração: o que move seus deslocamentos? Quais foram as primeiras sensações ao chegar? Onde reside o sentimento de casa? Quais transformações pessoais emergiram com a travessia? O que ficou do outro lado? Como vivem a distância e o tempo? Quais seus sonhos e medos? Após receber suas respostas por escrito, propus o uso do dispositivo epistolar: pedi a cada uma que escrevesse uma carta a alguém do outro lado do Atlântico, refletindo sobre essas questões. A partir dessas cartas, desenhei a narrativa visual e sonora do filme, que inclui também a minha voz, em diálogo com a delas — compondo uma polifonia feminina que evidencia os encontros como espaço de reconfiguração afetiva e epistemológica.

O formato da carta me permitiu evocar as vozes das personagens de maneira íntima e subjetiva, ao mesmo tempo que ressoa com as comunicações que se estabelecem à distância. A linguagem estética do filme se moldou às especificidades de cada narrativa: Bárbara e Aida são artistas profissionais, da dança e da literatura, respectivamente, enquanto Lidiane cultiva o bordado, que aprendeu durante o confinamento, logo após sua chegada a Portugal. Busquei dialogar com essas linguagens, integrando-as à forma e ao ritmo do espetáculo.

A partir das narrativas construídas nas cartas, dois temas emergiram com especial intensidade: o luto e a maternidade. O luto se apresenta em múltiplas camadas, como perda e como ausência que reverbera na relação com o tempo

MORADA
Praça da República
3000-343 Coimbra

BILHETEIRA
Online: tagv.bol.pt (e lojas fnac)
Bilheteira: segunda e terça,
14h00—20h00
Em dias de evento abre uma hora
antes e fecha até meia hora depois.
Encerra aos sábado, domingos
e feriados.

TELEFONE
239 855 630

EMAIL
teatro@tagv.uc.pt

FACEBOOK:
@TeatroAcademicodeGilVicente

INSTAGRAM:
@teatroacademicodegilvicente

e o espaço. No relato de Aida, o luto está profundamente ligado à perda da mãe e da terra natal – Angola, deixadas para trás. Essa dupla ausência desenha um sentimento de desenraizamento, que marcou profundamente sua trajetória e que emerge em sua literatura: a escrita torna-se uma forma de reinscrição de si e de reconexão com aquilo que foi perdido.

No caso de Bárbara, a perda do pai — seu principal interlocutor, que acompanhou de perto sua jornada migratória desde a chegada — trouxe consigo um abalo profundo, como se tivesse perdido o próprio chão. O luto, aqui, se transforma num vazio existencial que ecoa na migração: a travessia do oceano acontece também dentro, na busca de um novo centro gravitacional para a vida. O filme tenta dar contorno a esse vazio, a esse “nascer, morrer” e escutá-lo como parte indissociável da experiência de deslocamento.

Já a maternidade se revelou como um eixo de força e vulnerabilidade que atravessa a experiência migratória. Ser mãe em terra estrangeira implicou, para Lidiane, experimentar “o medo e a esperança; encantamento e solidão”, exigindo ainda mais coragem para ser morada e cuidar à distância, reinventando-se e tecendo continuamente pertencimentos.

O mote de *Terra Longe* foi dar contornos e movimentos aos afetos que compõem a experiência migratória de mulheres que se (re)territorializam, habitam a fronteira e carregam memórias da terra longe. A obra assume um caráter híbrido, ao explorar a videodança, a poética da palavra, a criação sonora — que dialoga com o tom e a atmosfera das cartas — e ao desdobrar-se em videoperformance.

Durante o espetáculo, Aida Gomes participa com a leitura ao vivo de um texto de sua autoria. Nele, compartilha sua relação com a escrita como lugar de abrigo e pertença. A literatura, nesse gesto, torna-se território onde suas travessias se reúnem e ganham forma.

Bárbara Faustino performa ao vivo uma criação sua; com giz, traça no palco uma linha que simboliza sua trajetória na terra longe, enquanto suas imagens são projetadas na margem do Tejo em outro tempo. Na tela, a dança é acompanhada por uma câmara que se move junto, procurando as fronteiras do corpo — a pele que o delimita na paisagem.

Os compassos da performance, da música e do filme criam uma sensação de tempo espiralar, em que passado e presente se entrelaçam na produção de sentido da experiência. Os movimentos da bailarina reverberam as vozes das outras mulheres, expandindo as camadas sensíveis do gesto performático.

JÚLIA VILHENA (BRASIL, 1991)

É realizadora e investigadora. Brasileira, do Rio de Janeiro, reside em Portugal há quatro anos. Formada em Antropologia e em Direção Cinematográfica, desenvolve seu doutoramento em Estudos Artísticos, na linha de Estudos Filmicos, pela Universidade de Coimbra. É diretora/argumentista de curtas-metragens; atuou como assistente de realização, produtora executiva, curadora, e atualmente é investigadora colaboradora do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS) da Universidade do Minho.

AIDA GOMES (ANGOLA, 1967)

Publicou o livro de contos *Borboletas que bebem lágrimas dos crocodilos*, *Visgarolho* (2024), o romance *Os Pretos de Pousaflores*, *D. Quixote / Leya* (2011) e *Funilaria* (2023). Tem publicações dispersas em vários países. Entre 1997-2017, trabalhou em missões de paz pela Organização das Nações Unidas (ONU). Correntemente é investigadora de História da Literatura na Universidade Federal de Rio Grande (FURG).

BÁRBARA FAUSTINO (BRASIL, 1984)

Bailarina, performer e professora de dança brasileira, formada pela Escola Municipal de Bailado do Teatro Municipal de São Paulo e licenciada em Dança pela Universidade Anhembi Morumbi. Trabalhou em Portugal no Musibéria – Centro Internacional de Músicas e Danças do Mundo Ibérico, onde desenvolveu pesquisa autoral e três solos. Atualmente baseada em Lisboa, atua como bailarina, coreógrafa e professora de dança, com foco no diálogo entre ensino e performance.